

DERRIDA, Jacques (2002). O animal que logo sou .São Paulo:UNESP, 92p.

Tani Jacobsen Prelvitz*
UFRGS

O livro *O animal que logo sou (A seguir)* é o texto da aula proferida por Derrida durante o terceiro colóquio de Cerisy, na França, que resultou no livro *L'animal autobiographique*.

Ao longo desta aula, o autor trata de temas abrangentes e complexos: a crueldade, a nudez, a nominação e a negação. Estes temas têm como ponto essencial a reflexão sobre os limites entre o animal e o humano, daí decorrendo questões fundamentais como :a) o que caracteriza o próprio do homem? B) em que medida isto nos dá direitos absolutos sobre o animal?c)o que está contido no vocábulo *animal*, capaz de reunir em um *mesmo* todos os seres vivos além do homem? d)o que é ser homem? e) quem é o homem, distinto do animal? f) será que esta distinção é possível?

Para iniciar sua reflexão, Derrida aborda a nudez do homem, que *está* nu, e a do animal, que *é* nu. Para ele, esta diferença perspassa a noção do bem e do mal e o saber de si que isto implica.

Da mesma forma, o autor se pergunta o que é o animal que nos olha? Não o animal metaforizado e interpretado pelo homem, mas o animal real, aquele que é um *outro* que não detém o poder da palavra, mas que pode vir ao nosso encontro, um ser vivente insubstituível, *cuja existência é rebelde a todo conceito*.

O título original do livro é, em si mesmo, ambíguo, permitindo duas traduções: *o animal que logo sou* ou *o animal que logo sigo*. Esta ambigüidade reflete a complexidade do pensamento de Derrida no que se refere às modalidades do estar e da relação homem/animal. Assim, estar *depois*, estar *junto*, estar *perto*, estar *com*, assinalam a maneira como o homem ousa anunciar a si mesmo, negando e denegando a possibilidade de ser visto pelo animal, em toda a sua nudez, em toda a sua fragilidade recoberta de supremacia.

O relato bíblico da nomeação e decorrente sujeição do animal ao homem serve, segundo o autor, como fundamento para a relação desigual entre os homens e o “animal”, daí decorrendo a propriedade e a superioridade incondicionais do homem sobre o animal.

A partir deste ponto, Derrida levanta duas questões - hipóteses - com vistas a teses: a assujeição do animal ao homem; - os limites desta relação.

Ao tratar da assujeição, sem precedentes, do animal ao homem, o autor afirma que esta é garantida pela transformação das formas tradicionais de tratamento do animal e possibilitada pelo desenvolvimento conjunto de saberes zoológicos, etnográficos, biológicos e genéticos, sempre inseparáveis de técnicas de intervenção no seu objeto, *o animal*. Como consequência disto, temos a criação e o adestramento, a experimentação genética, a industrialização da produção alimentar da carne animal, a inseminação artificial maciça, as manipulações do genoma, tudo em escala demográfica incomparável e a serviço do bem-estar humano.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS – área de Teorias do Texto e do Discurso.

A crueldade desta situação é negada e dissimulada, de forma a organizar o esquecimento ou o desconhecimento desta violência, comparável aos piores genocídios e passível de piedade e compaixão. Algumas vozes, porém, se levantam no sentido de lutar, ainda que de maneira incipiente, a favor do direito do animal, a fim de nos acordar para as nossas responsabilidades e obrigações em relação ao vivente em geral.

Sempre segundo Derrida, se esta compaixão fundamental fosse levada a sério, deveriam mudar os alicerces da problemática filosófica do animal. Este abalo nas estruturas estaria centralizado na questão prévia e decisiva de saber: se os animais podem sofrer, pergunta feita por Bentham há dois séculos e que deveria ecoar numa reflexão: *eles podem não poder?* Esta questão suscita outras igualmente relevantes: a) qual é a vulnerabilidade decorrente deste *não poder?* b) em que medida ele resulta numa finitude que compartilhamos com os animais?

Este compartilhamento leva à uma segunda questão, na qual o autor se pergunta sobre os limites entre o homem e o animal e em que esta designação no singular - “o animal” - simplifica uma relação complexa e interdependente, possibilitando ao homem dispor um grande número de viventes sob este único conceito. Assim, os homens seriam *os viventes que se deram a palavra, falando de uma só voz do animal e designando-o como o único que teria ficado sem resposta, sem palavras para responder*.

É neste ponto que Derrida cria um novo vocábulo – *animot* -, passível de significar a escritura de si do vivente, o rastro a ser deixado, o ser para si, o arquivo. E a este respeito, o autor afirma que não há animal separado do homem por um só limite indivisível: “É preciso considerar que existem ‘viventes’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única de animalidade simplesmente oposta à humanidade.” Assim sendo, os limites e estruturas que separam homens e animais não podem ser homogeneizados, *salvo a serviço da violência e ignorância interessada*.

Pela impossibilidade da linguagem e, conseqüentemente da resposta e do apagamento dos próprios “traços”, é negada ao animal a mortalidade, a tristeza decorrente do luto e o poder de se autobiografar de alguma maneira.

Ao fim de sua aula, o filósofo explicita as inquietantes perguntas que permeiam toda a sua reflexão sobre os limites e as fronteiras reais entre homens e animais: o que nos permite e o que significa dizer *eu, que sou eu e quem sou eu?* E em relação ao animal, *o que é isto, quem é isto?* E, finalmente, *quem responde a quem?*

Além desta obra, o filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004) deixou um legado de aproximadamente 80 livros e textos que versam sobre os mais variados temas. Pensador autêntico e independente, cunhou palavras capazes de expressar o ineditismo de seu pensamento e que já integram a linguagem da filosofia, tais como *desconstrução* e *différance*.